

A agência da natureza: sobre dilemas éticos de uma etnografia para além do convívio com os humanos no campo¹

The Agency of Nature: On Ethical Dilemmas of an Ethnography Beyond Human Interaction in the Field

Maria Carmencita Job²

Palavras-chave:

Etnografia,
Agência da
natureza,
Tecnologias
encantadas,
Ética
antropológica.

Resumo: Neste artigo apresento os primeiros registros etnográficos - textuais e imagéticos - de minha pesquisa de tese. No primeiro contato com o trabalho de campo, o objetivo foi estudar famílias que saíram da cidade para viver em áreas consideradas rurais no sul do Brasil, a partir da família de duas mulheres, Iti e Carina, mulheres que haviam deslocado suas vidas da cidade de Porto Alegre, em agosto de 2020, poucos meses após o início da pandemia de Covid-19, para uma cidadezinha na serra, chamada Nova Petrópolis. O local fica em torno de 180 quilômetros da capital gaúcha, entre Picada Café e Gramado. Essa primeira ida ao campo não só trouxe para a investigação uma proposta ativa de mudança na mediação e condução etnográfica, como abriu espaço para novas reflexões sobre a expansão da ética antropológica para além de interlocutores humanos. Nesse sentido, essa experiência identificou na prática a agência da natureza atravessada pelo apagamento do acervo e captura da produção em campo como resposta dessa não elaboração antecipada.

Keywords:
*Ethnography,
Agency of nature,
Enchanted
technologies,
Anthropological
ethics.*

Abstract: *In this article I present the first ethnographic records - both textual and imagery - of my thesis research. In the first contact with fieldwork, the aim was to study families who left the city to live in areas considered rural in southern Brazil, starting with the family of two women, Iti and Carina, women who had moved their lives from the city of Porto Alegre, in August 2020, a few months after the start of the Covid-19 pandemic, to a small town in the mountains, called Nova Petrópolis. The location is around 180 kilometers from the capital of Rio Grande do Sul, between Picada*

1 Recebido em 8 de maio de 2024; aprovado em 24 de setembro de 2024.

2 Doutoranda no Programa de pós-graduação em Antropologia Social (UFRGS) e pesquisadora associada aos Núcleos Navisual e BIEV do PPGAS/UFRGS. E-mail: mariacfelicidade@gmail.com

Café and Gramado. This first trip to the field not only brought to the research an active proposal for change in ethnographic mediation and conduction, but also opened up space for new reflections on the expansion of anthropological ethics beyond human interlocutors. In this sense, this experience identified in practice the agency of nature crossed by the erasure of the collection and the capture of field production as a response to this anticipated non-elaboration.

Introdução

Era o terceiro final de semana de janeiro de 2023, por volta das 15h, momento em que dei início ao trabalho de campo de minha pesquisa de tese, na qual tenho analisado famílias que saíram da cidade e foram viver em espaços considerados rurais, após a pandemia da Covid-19. Naquele dia, fui conhecer presencialmente a nova vida da família de duas mulheres, Iti e Carina, que saíram de Porto Alegre em agosto de 2020, poucos meses depois do início da pandemia. O objetivo era ir até o centro de Nova Petrópolis e depois seguir mais ou menos uns 30 minutos em uma estrada de chão, em uma área considerada rural, em direção à linha Brasil, onde fica a casa delas. O trajeto fica aproximadamente a 180 quilômetros da capital gaúcha, localizado entre as cidades de Picada Café e Gramado.

Como fui de carro, aproveitei o tempo livre no trânsito entre Porto Alegre a Novo Hamburgo, cidade vizinha à capital, para ir resolvendo algumas pendências. No processo de dirigir e resolver problemas, quase perdi a entrada para serra, pois mesmo saindo para o trabalho de campo, ainda estava envolvida com compromissos ao celular e resolvendo problemas de minha casa, de minha empresa, de minha casa de praia e, ao mesmo tempo, me sentia agradecida por poder estar ali, naquele lugar, podendo dedicar o meu final de semana para iniciar minha pesquisa de tese. É importante elucidar o contexto em que estava como pesquisadora, mulher branca e adulta, que necessitava equilibrar a vida profissional e pessoal, para estar ali, em um momento importante e crucial do doutoramento, visto que minha orientadora, já havia me sugerido que eu iniciasse a pesquisa de campo o quanto antes “pois sem um trabalho de campo de envergadura, não existiria a tese”. Mesmo eu sabendo da minha responsabilidade de estar ali, e estando pronta para fazer o meu melhor, estar em campo num final de semana inteiro era uma condição privilegiada para o meu dia a dia, diante de tantas responsabilidades cotidianas. Então planejei estar envolvida após as festas do final de ano, com objetivo de estar o mais inteiramente engajada quanto possível.

Como não conhecia aquela estrada para a serra e estava dirigindo sozinha, resol-

la viagem – conhecida por sua paisagem agradável e delimitada pelo nome de “rota romântica” em um carro confortável, com ar-condicionado, em um dia extremamente quente no sul do Brasil. Eu tinha dinheiro para pagar a gasolina, alimentação, e mesmo sem ter uma reserva planejada em um hotel, tinha a certeza de que iria encontrar algum lugar para ficar. Tudo isso me dava uma certa calma, entretanto, me colocava de frente para a perspectiva a partir da qual eu enxergava aquela entrada em campo: o de uma pesquisadora da branca, que estava enquadrada pela categoria de classe média, estudando outras mulheres brancas de camadas médias. Lugar que eu deveria estranhar dali para frente e não simplesmente, naturalizar, já que estava em uma condição relativamente próxima dos “capitais culturais, simbólicos e financeiros” (Bourdieu, 2011) de minhas interlocutoras. Tudo isso me colocava atenta ao desafio de estranhar aquele ambiente de proximidade, como provoca Gilberto Velho (2003) a partir dos seus estudos na antropologia urbana. Nesse sentido, a estratégia foi trabalhar testando os níveis do conceito e a proposta de “estranhamento” que necessitava analisar a partir das “sociedades complexas” a partir da proximidade das interlocutoras para comigo.

Para dar conta de um certo tipo de distanciamento, adotei como proposta não aceitar o convite de dormir na casa das interlocutoras que moravam na serra, procurando estabelecer contato somente durante os dias do final de semana, e à noite indo dormir em uma pousada. Entretanto, aproveitei essa certa condição de proximidade para compreender questões associadas às particularidades de intimidade da pesquisa.

Me colocar em um lugar diferente do meu dia a dia me fazia ficar mais atenta ao que passava por mim. Então fui gravando em áudio - com o gravador do celular - minha descrição sobre o caminho, numa espécie de diário de campo gravado, no qual invés de registrar com caneta e papel, usava a minha própria voz para explicar o que estava vendo, sentindo e percebendo do que se observava no caminho, já que estava dirigindo e ir me expressando a partir da voz me fazia elaborar o que sentia.

A experiência que fui atravessando ao longo da estrada me colocava em uma operação intelectual em que o objeto de reflexão não isolava os fatores à minha volta, mas sim fazia com que eu procurasse entendê-los por meio de sua correlação. Algo não muito comum à minha realidade da cidade, vivendo uma vida em que a distância do meu olhar é frequentemente atribuída a um alcance de 60 centímetros entre o celular e o computador, que na maioria dos dias atravessava as atividades realizadas por pequenos percursos entre minha casa e o trabalho. Isso me fez chegar à minha primeira reflexão do trabalho de campo. Ao estar aberta para captar as sensações daquele deslocamento entre a cidade e o território rural, eu tinha a oportunidade de me colocar em contato com uma visão panorâmica de espaço, compreendendo assim a inter-relação da natureza e meu estado de presença em diversas camadas sobrepostas por

texturas e distâncias.

Ou seja, a estrada forjava a ideia de parada no tempo, mas também continha uma promessa de movimento, algo que observava na fala de minhas interlocutoras. Além de uma mentalidade em deslocamento, sobretudo pelo alcance da altitude, que me fazia avistar vales, montanhas, precipícios, abrindo espaço para eu olhar com mais atenção e poder refletir sobre a minha própria rotina. O cheiro das árvores e túneis verdes de plátanos, faziam também com que eu percebesse a umidade que atravessava o vidro do carro. A altitude misturava-se às curvas fechadas, quando eu descrevia em voz alta nos áudios a sensação de perigo, me provocando uma certa labirintite, fazendo com que eu precisasse parar uns 20 minutos antes de chegar a Nova Petrópolis. Parei num bar que se chamava “Dos Guri”, um típico bar da “colônia” de imigrantes alemães, com produtos coloniais como queijos e pães típicos caseiros.

Ao sair do carro senti meu corpo todo rígido, pernas pesadas, respiração curta, e ali percebi que me sentia diferente. Entrei no bar e pedi um caldo de cana e um sanduíche com pão caseiro, manteiga, queijo colonial e salame. Fui ao banheiro passar uma água no rosto e ao sair encontrei uma moça, comentando para ela que estava me sentindo fraca, um pouco enjoada. Então, ela me perguntou se era a minha primeira vez subindo a serra, e eu disse que sim. Ela reforçou que a maioria das pessoas que subiam pela primeira vez se sentiam daquele jeito, e naquele momento ficava claro que eu era uma delas.

Ali, compreendi que existia uma espécie de fronteira que atravessava dois pontos que poderiam, ou não, se integrar, dependendo do ponto de vista do qual eu estava analisando o ambiente, fazendo eu enxergar: a cidade e o campo; o urbano e o rural; a linha do mar e a serra integrados ou separados, dependendo do ângulo que eu olhava. Tudo isso fez eu perceber as diferentes naturezas do espaço e seus dilemas, oferecendo uma reflexão permanente ao universo pesquisado, me fazendo “[...] avaliar atitudes tanto em termos científicos quanto éticos se fazia necessário” como destaca Velho (2003, p.34) ao pensar sobre sociedades complexas. É interessante pensar que as fronteiras trazem um aspecto dilatado da mobilidade, como explica Andrade (2018) ao falar sobre as diferenças dos “deslocamentos contínuos” entre os centros urbanos e regionais para os aspectos e interações xamânicas. O autor destaca que o conhecimento xamânico enxerga trânsitos integrados entre a aldeia e a cidade como uma possibilidade de absorver novas relações de conhecimentos.

Considerando isso, olhar as proximidades por caminhos diferentes e olhar as diferenças de forma familiar era um dos exercícios que eu precisava estabelecer para com aquela entrada no campo. É importante também a ideia de identidade neorrurais (Carneiro, 1997) para compreender de onde emergem as fronteiras entre aqueles ato-

res sociais oriundos do urbano, analisando suas práticas, seus rituais e territórios.

Foi também a partir da leitura de cosmovisões ameríndias que eu pude me abrir a novas realidades dentro do campo, valorizando outras possibilidades de relações dentro do universo investigado. O processo de incorporação das condições da pesquisa frente às suas dicotomias me fez lembrar de um trecho do artigo da Aparecida Villaça (2000), no qual ela pergunta aos *Wari* por que eles não voltavam para a floresta e abandonavam os brancos, já que as lembranças da vida na floresta, antes do contato com os brancos, eram tão positivas. E a resposta foi que os *Wari* também se sentiam de certa forma brancos, o que ela se aprofundar na investigação sobre a dupla identidade que se inscrevia no corpo dos *Wari*, que se dava através da vestimenta ocidental e o forte apelo aos rituais, trazendo a hipótese, de que o corpo humano (cultura) e animal (natureza) andavam juntos para aquele povo. Existia um orgulho da identidade indígena, junto do seu compromisso e interesse a uma vida integrada aos brancos, embora não se integrando plenamente, já que os homens *Wari* se recusavam a doar suas mulheres aos brancos, por exemplo. Elas se casavam com homens de outros grupos indígenas de outras etnias, mas não com pessoas brancas. Como ressalta Villaça (2000) isso, de certa forma, a partir das identidades não haja um processo de mudança por “completo”.

Essa reflexão me levou à ideia da construção de pessoa nas sociedades indígenas brasileiras, detalhado por Anthony Seeger, Roberto Da Matta e Eduardo Viveiros de Castro (1979). Os três antropólogos explicam que as variações e definições das categorias do espírito humano são estruturadas de sociedade para sociedade, sendo “[...] o corpo não um simples suporte de papéis sociais, mas sim, um instrumento, atividade que articula significados sociais e cosmológicos de uma matriz de símbolos do objeto do pensamento” (Seeger; Da Mata; Viveiros de Castro, 1979, p.14). Isso permite que uma análise comparativa mais ampla sobre os símbolos corporais se articule às perspectivas do “espaço social” e “tempo social”, através do parentesco, da economia e da religião, o que me leva direto para a chegada à casa das interlocutoras e a sua forma de se integrar a ao lugar com paisagem rural, mas com enquadramento urbano, carregando consigo a luz elétrica, a internet e a sua rede de relações da cidade.

O tempo no/do rural

A pressa para chegar somada ao enjoo que sentia, me fizeram deixar de carregar o celular no carro e, de repente, me vi passando do centro de Nova Petrópolis – região considerada a mais germânica do Brasil e o berço do cooperativismo na América do Sul. Entusiasmada com as placas e apresentações da cidade, não me dei conta que estava perdendo a rede do GPS da estrada que me conduzia à casa de Iti e Carina. Como andei um pouco mais na estrada, presumi que estava perto. Naquele momento,

achei melhor dar a volta para o ponto onde imaginei ser a entrada. Voltando, avistei uma pousada e garanti minha estadia antes de chegar na casa das interlocutoras. Isso já era aproximadamente umas quatro horas da tarde e logo anoiteceria. A casa em que fiquei era a única alugada somente para uma pessoa, o que me fez lembrar porque eu estava ali e porque eu havia escolhido subir a serra sozinha. Estava orgulhosa do meu ímpeto como mulher pesquisadora, que mesmo em meio às adversidades de ir sozinha para um lugar desconhecido, estava de prontidão àquela experiência, que só se estabeleceria com muita dedicação. Então, arrumei as coisas no local, atualizei a rede do GPS e localizei onde ficava a estrada em direção à casa das interlocutoras. Não por surpresa, a estrada ficava ao lado da pousada, afirmando a sorte de quem se insere na pesquisa de campo, quando as respostas acontecem no processo do movimento e percurso do trabalho exercido pela observação.

Logo que entrei na estrada de chão, em direção ao vale, vi uma placa do Banco do Brasil que dizia: “produtor rural de referência” fincada na entrada de um jardim em frente a uma casa – identificando o orgulho de ser produtor rural naquela região. Também passei por inúmeras plantações de milho e avistei uma placa de trânsito curiosa, com o símbolo de um boi demarcando o lugar como zona rural. Havia aproximadamente seis casas em construção e algumas casas mais abastadas, com espaços de lazer, piscinas e lagos. O curioso era que todas aquelas casas tinham muros baixos, fortalecendo a percepção de segurança. Havia muitas árvores frutíferas e hortas com verduras e legumes em espaços de destaque no terreno. Também pude ver alguns animais, como galinhas, vacas, bezerros, cabritos e cães de guarda pastor alemão. A sensação de sítio se instalou, até eu ver um grande penhasco com montanhas do meu lado direito da pequena estradinha de chão, na qual praticamente cabia só um carro. Era impressionante aquela vista de um paredão de pedras junto a um penhasco com rochas, onde corre o Rio Caí lá embaixo. Ao longo da Linha Brasil – que é uma espécie de identificador demarcado pela categoria de “bairro” da região – me chamaram também a atenção as inúmeras árvores centenárias, como as figueiras enormes que pareciam se comunicar por tanta dramaticidade em sua expressão. Elas traziam uma espécie de presença ancestral ao espaço que produzia uma comunicação temporal com outro momento da história. A beira da estrada era repleta de girassóis num formato e espécie gigantes, tão grandes que pareciam um ser humano. Senti a necessidade de parar o carro e poder avistar a presença do seu aroma de perto. No caminho, também tinham algumas espécies exóticas de flores, copo de leite e lírio, que se destacavam entre o verde e azul muito claro do céu. O ar era puro e sem poluição, e ao respirar era possível sentir a natureza num espaço regenerativo e poderoso. Esse percurso de carro da pousada até a casa de Iti e Carina demorou uns 20 minutos.

Os símbolos do percurso instalados no espaço/território

Ao passar por árvores recém cortadas com troncos e serragens no chão ao pé da estrada, reparei que os postes haviam sido colocados há poucos dias, trazendo luz e internet à casa de Iti e Carina. Era um sinal de que estava perto. Ao chegar, identifiquei uma clareira, junto a um jardim com um belíssimo paisagismo, plantas ornamentais muito bem-organizadas com pedras cuidadosamente selecionadas. Ali estava a casa. Havia chegado. Fui recepcionada pela “Casa Águia”, nome escolhido pelas próprias moradoras, já que a casa praticamente voa em cima do primeiro ponto alto do terreno. Naquele dia, estavam em festa, era dia de comemoração pela chegada da luz e da internet, depois de dois anos de espera - fenômeno que proporcionou a condição de deslocamento delas para o território rural durante a pandemia e a de muitas famílias que saíram da cidade. A casa foi feita em um local sem energia elétrica, tendo que ser construída toda com gerador, num processo de trabalho intenso, tanto de mão de obra especializada, quanto em relação à limpeza e organização do espaço, que não possuía estrutura, eram só mata e pedras que percorriam o terreno. Nesse processo estava claro: precisou de muito esforço humano para que elas pudessem estar naquele local, pois as adversidades naturais e físicas para construção da casa eram uma questão colocada pelo próprio território. O mais surpreendente era que Iti e Carina não desistiram, e lá estava a casa de madeira em pé, com um projeto arrojado e detalhadamente pensado cômodo a cômodo. Era para mim inevitável pensar que existia uma espécie de condição em que a domesticação da natureza estava presente, já que todo o projeto foi pensado e sonhado ainda na cidade, enquanto moravam no bairro Centro Histórico, na cidade de Porto Alegre.

Figura 3. Casa Águia acolhida pelo Vale.



Imagem produzida por Carina e Iti em 2022

Apresentação da natureza através da interlocutora Itiana

Em frente à casa tem um belo jardim de ervas onde Iti cultiva pimentas, alfazemas, alecrim, manjericão e algumas ervas exóticas chamadas de PANCs³ para compor sua alimentação. No terreno, têm pé de limão, amora, pitanga. Em meio às verduras estão as rúculas e hortaliças, entrelaçadas por abóboras. A proposta é ser cultivado por um design harmonioso no estilo agroflorestal, projeto no qual tiveram a ajuda especializada de uma amiga paisagista, que também mora na região, e foi uma das parceiras que elaborou os canteiros a partir do local e posição solar, analisando a melhor adaptação para cada espécie em cada micro ambiente.

Esta relação da Iti com as ervas não é mero acaso, já que sua avó era curandeira. Logo que decidiu morar no sítio, ela começou a se interessar e manter maior proximidade com a terra, simbolizando, de alguma maneira, sua relação afetiva e terapêutica com as plantas. Percebe-se o envolvimento de Iti em uma proposta descrita por ela como “um processo de reconciliação ancestral”, já que na sua ida para o sítio⁴ não tinha nenhuma relação direta com a agricultura, pelo contrário, era super urbana. Mas foi na

3 Plantas-Alimentícias-Não-Convencionais que tem o potencial alimentício, crescimento e desenvolvimento espontâneo, porém não são consumidas em larga escala e nem utilizadas apenas em determinada região. Um dos exemplos é a Vitória-régia, planta que contém um fruto alimentício, mas poucas pessoas sabem disso.

4 Categoria êmica derivado por Iti e Carina para nomear o terreno comprado em meio ao Vale de Nova Petrópolis.

terra, entre as árvores, arbustos e ervas, que Iti encontrou o seu lugar, numa posição singular junto das ervas aromáticas e medicinais se interessando por suas identificações e propriedades terapêuticas, fazendo com que começasse a estudar os desígnios de cada espécie, identificando seus benefícios alimentícios e orientação para males físicos, emocionais e espirituais.

Figura 4. Um sonho realizado: um jardim comestível



Imagem produzida por Iti e Carina para mostrar a sua primeira colheita em 2022

A relação da Iti com as plantas e o cultivo doméstico no sítio a cada dia foi crescendo e tomando novas proporções. Fazendo com que a troca de verduras, frutas e especiarias entre vizinhos fosse também, uma possibilidade de troca de saberes acumulados na região. Uma espécie de inteligência afetiva e circular sobre a proposta de colheita, compartilhando não só o excedente do plantio, mas um processo de condição de abundância do que a terra entrega. Nesse processo se instala um sentimento de comunidade entre as pessoas que moram na região, que em sua maioria vieram da cidade, do meio urbano, onde estas práticas de trocas não fazem parte do dia a dia e muito menos legitimam saberes e conhecimentos. Entretanto, ao se deparar com um estilo de vida que compartilha a abundância da terra, Iti, de alguma maneira, coloca em prática o conceito “manifesto” do Bem Viver proposto por Acosta (2019), que apoia e integra a relação comunitária de uma economia baseada no consumo sobre o necessário, compartilhando assim os seus excedentes.

Lima (2019) também me ajudou a refletir sobre o exercício de integração interpretativa trazido pela experiência de Iti por meio do convívio com as ervas locais. A autora propõe construir um pensamento sobre os saberes associados às plantas cultivadas

e suas formas de coleta através das estações, por meio dos povos “Jê” - um coletivo originário não-tupi do interior do Brasil - que tem hábitos específicos de migração, movendo-se a partir de suas necessidades de coleta. Contribuindo para a dinâmica de Iti, que iniciou o seu percurso ancestral no ato de coleta de ervas, através do espaço presente do sítio, expandindo a temporalidade da agricultura ancestral e resignificando uma entrega à terra, a partir deste novo estilo de vida em sua trajetória. Nessa dinâmica, as formas de se relacionar com as plantas, que são cultivadas em seu jardim, e as que nascem espontaneamente na beira da estrada, faz com que ela entenda um pouco sobre sua vontade de mobilizar a sua vida da cidade para uma vida rural na serra. Lima (2019, p.01) ressalta que “[...] as plantas são sistemas não indissociáveis das relações de parentesco e gênero, dentro das famílias”, me fazendo lembrar como Iti se refere às plantas cultivadas como “suas filhas”, necessitando de cuidado e amorosidade constante para poder crescer e fazer parte dos seus rituais, trazendo efeitos aromáticos e estéticos para suas refeições e banhos. Já que nas práticas indígenas as ervas se organizam como um elemento de importante conhecimento, contendo uma densa conservação da agrobiodiversidade, sendo plantadas e cultivadas a partir de seus parentescos. O que Lima (2019) traça em termos de relações entre os espíritos das plantas cultivadas, seus mitos e rituais agrícolas associa-se em escala e potência agentiva aos ciclos de composição e trocas entre os humanos e outras espécies de vida, os quais analisados em comunhão com as práticas de Iti são percebidos através de agentes não humanos conduzidos por tecnologias encantadas.

Isso diz muito sobre o intuito de Iti e Carina se manterem conectadas às pistas que se articulam como respostas da natureza ao espaço e suas indicações sobre suas ações. Ou seja, a proposta de vida no rural é uma tentativa de integração, e parte desse feito é seu jardim comestível, onde a natureza vira fonte de nutrientes, a partir da alimentação viva que tensiona e propõe novas formas de comensalidade, por meio de flores comestíveis, suas visualidades e propriedades de bem-estar.

Abaixo apresento uma das tentativas de integração, em que Iti e Carina se apresentam, via rede social digital *Instagram*, trazendo sinais desta conexão integrada com a natureza, como fazem os coletivos ameríndios a partir de sua cosmovisão.

Figura 5. Montagem da natureza: pistas desta conexão a partir de Iti



Imagem produzida por Iti em 2021 e que está no seu acervo na rede social Instagram

O risco embaixo do olho feito por Iti, na cor verde-água, é uma prática comum sua para promover a ideia de se maquiar “desconstruindo” as formas de pintar o rosto. Essa ideia de “desconstruir” a materialidade padrão do urbano abriu espaço para o efeito orgânico e comunicacional da natureza. Essa associação não está posta por Iti, mas sugere a grafia circunscrita pelos coletivos indígenas, que além de pintar embaixo dos olhos com cores da natureza, traz um esquema de cada lado do rosto, trazendo a pintura como decoração. Essa grafia atualiza o que Baptista da Silva (2011) diz em seu artigo sobre as expressões manifestadas de forma artística e estética de uma sociedade indígena, que se apresenta na forma comunicacional e por meio de pinturas que remetem a sistemas estruturados no campo cósmico. O autor destaca que “[...] a arte materializa um modo de experiência que se manifesta visualmente, principalmente na decoração dos corpos e dos objetos, permitindo que os membros de uma sociedade se identifiquem ao olhar os grafismos” (Baptista da Silva, 2011, p.3)

Ademais, incorporo a essa entrada no campo implicações mais amplas sobre os temas que atravessam os trânsitos do urbano no rural, adicionando a categoria de “agência” da natureza que já é bastante conhecida pelos coletivos “cosmopolíticos”, como destaca Latour (2012, 2019).

Interlocutora 2. CarinaFigura 6. *printscreem dos stories no Instagram* – fevereiro de 2023.Imagem produzida por Carina faz parte do seu acervo na rede social *Instagram*

Carina é a companheira de Iti e juntas confirmaram que naquela terra construiriam sua casa no momento que avistaram a primeira grande pedra do terreno. Sua conexão com os minerais tem relação direta com entidades estabelecidas por meio da materialidade das rochas. E assim que cheguei no sítio, fui recepcionada por Carina, que ogo me convidou para uma caminhada em volta da casa, me perguntando o que eu enxergava em uma das pedras, e eu disse que via um macaco. As pedras no terreno têm impressões únicas, e Carina deu o nome de “Macaco Yogue” àquela pedra. Assim como Ingold (2015) nos convida a pensar sobre as coisas não-humanas como um projeto de saberes, Carina naquele momento me convidava indiretamente a pensar sobre aquela pedra para além de um mineral, mas como uma entidade dotada de agência.

Outras pedras referidas a uma relação de sintonia com a Carina são as “abuelas” – duas pedras enormes com mais ou menos 4 metros de altura, localizadas uma do lado da outra. Carina disse que quando viu aquelas duas pedras pela primeira vez cumprimentou-as com a certeza de estar revendo um parente que não enxergava há muito tempo, tornando aquele momento uma espécie de reencontro. Outra forma de integração com o espaço foi a construção da casa posicionada em frente à montanha

Malakoff – uma muralha de basalto com mais de 100 metros de altura, batizada por imigrantes alemães no período da colonização como símbolo da fortificação.

É nessa proposta de interações agentivas que lanço luz ao sistema de representações de vidas não-humanas vinculadas à integração e à proposta de vida de Iti e Carina. É importante destacar que esses seres não-humanos se consagram por meio de minerais e uma “memória ambiental” (Rocha e Eckert, 2021) percebida no ambiente, pela geografia do terreno antes mesmo da chegada da família no espaço. Ou seja, as pedras e árvores estão incorporadas aos lugares, com encaixes perfeitos, me fazendo lembrar da costura de um “bricoleur”⁵, promovendo articulações entre os sistemas divinos e tecnologias encantadas no espaço, apreendidos por representações visuais - em forma de grafias - articuladas nos minerais locais. Encarei essa documentação e processo como uma espécie de código de comunicação não-verbal, inspirada pelos mitos-cosmológicos, como ressalta Baptista da Silva (2011) e por uma certa “experiência” de alteridade, como relata Goldman (2003) sobre os tambores dos mortos.

A revelação da experiência de ligação de humanos e não-humanos

Foi a partir destes dois dias inteiros com Iti e Carina, em sua casa, que iniciei minha pesquisa, ocasião em que pude conhecer um lugar mais reservado dentro do sítio, local onde as árvores transmitiam saberes através de uma certa vibração. Uma espécie de local sagrado, o qual Carina explica que seria um espaço de cura, onde ela colocaria macas e a natureza faria a sua parte. A proposta aconteceria de forma intuitiva, no formato de grupo e alinhamento individual, mas sempre atravessado pela dinâmica inversa ao controle e planejamento construído pelas certezas da cidade. Acontecendo “num tempo da natureza” como ressaltou Carina.

Na subida à clareira, Carina me mostrou as grandes árvores chamadas de “entidades” por ela, árvores com dezenas de cipós enroscados, que traziam a ideia de tempo ancestral ao espaço. A clareira lembra um teatro de arena, com efeito encantado por inúmeras borboletas brancas, fazendo com que eu sentisse no corpo uma forte energia em seu centro. Carina pediu que eu me inclinasse para ver as árvores gigantes com troncos que mais pareciam seres elementares, com raízes viçosas de tão grandes, e que ao se encostar era possível fazer do local um espaço de meditação e que, segundo Carina, já estava sendo reservado para esse intuito. Mas o espaço ainda não estava pronto, precisava ser aberto por máquinas para ser deixado plano e poder ser

⁵ Termo em francês que se refere a trabalho manual feito com aproveitamento de todo os tipos de materiais como a bricolagem – onde o indivíduo realiza um trabalho manual sem planejamento pré-concebido. Com todo tipo de matérias disponíveis. Afastando-se das técnicas e normas comuns das tradicionais (Lévi-Strauss, 1976).

considerado um local de visitação.

Dias depois da minha ida ao espaço, na terça-feira da semana seguinte, já estava sendo limpo e alinhado o terreno, com a ajuda de um trator. A ideia era de iniciar o projeto do espaço de cura, que iria proporcionar à Carina trabalhar no modo presencial dentro do sítio, já que, até então, ela estava somente atendendo no modo on-line, na casa de amigos, até que a casa do sítio tivesse internet. Carina trabalhava com terapias curativas com dia e hora marcada – de forma presencial - nas cidades de Porto Alegre e São Paulo, ou em eventos e retiros programados que aconteciam de duas a três vezes ao ano, momento em que ela se mobiliza para sair do sítio e atender presencialmente na cidade.

Uma experiência de ligação (agentiva) que necessita de permissão para entrar

É importante revelar que essa primeira entrada em campo mexeu muito comigo e produziu algo além do “material” ou “místico”, como analisa Goldman (2006) sobre a ideia de “experiência” que existe no campo, atravessado por uma “comunicação involuntária”, como destaca Favret-Saada (1990) pelo sentido de “afetar-se”. Foi por meio dessa experiência que senti pela primeira vez a condução identificadora de “agência da natureza”, que, até então, havia somente se revelado por meio da agência e interação com humanos, produzindo “poder” e “projetos”, como suscita Ortner (2006), o trabalho de campo se revelou como espécie de chave de acesso ao universo pesquisado, através da fonte de tudo aquilo que não era humano, mas encantado.

Tentarei explicar a partir da experiência empírica: ao andar pela mata naquela última tarde – momento em que subi no espaço mais privativo do sítio, em meio a clareira, local que ficava acima da casa, não imaginei ou realizei nenhuma espécie de ritual para atravessar o espaço, como algum modo de pedir licença para fotografar ou filmar o local. Como já estava no espaço há dois dias com Iti e Carina e sentia uma certa aproximação com as interlocutoras, fui subindo a montanha e registrando todo o caminho, numa espécie de ação esfuziante, mesmo sendo acompanhada por singelas borboletas brancas, que insistiam em ficar perto e provocar os meus sentidos e atenção. Nem mesmo essa cena fez com que eu me desse conta que estava sendo monitorada, ou melhor, acompanhada, e que daquele instante nada sairia para outro lugar. Ou seja, naquele momento eu jamais imaginava o que resultaria daquele registro todo apreendido no espaço.

Figura 7. Minha entrada na mata acompanhada



Imagem capturada por Carina sem eu perceber – janeiro de 2023

Mesmo não entendendo muito bem o que estava acontecendo, sentia uma vibração em meu corpo que me fazia ficar hipnotizada por tanta beleza, fazendo com que eu sentisse uma vontade de capturar de forma material aquela sensação que era da ordem do invisível. Então, naquele momento, imaginei levar comigo uma pedra do espaço, com o objetivo de trazer algo físico do campo para compor a minha escrita, estendendo aquela sensação. Então, perguntei para a Carina se poderia levar alguma pedra do local, e ela me disse, de forma precavida - em função da sua relação com as pedras no espaço - que sim, mas que eu sentisse qual eu deveria pegar. Olhei pra baixo e imediatamente percebi uma em meus pés e mais uma menor redondinha, logo à direita, então peguei as duas pedras e fui descendo com elas nas mãos, com todo cuidado, como se eu estivesse carregando algo muito valioso. Inspirada por Carina, pensei em colocar uma pedra em cima da outra como ela fazia com os minerais do espaço, afinal, tive a oportunidade de ver ela organizar as pedras, uma a uma, cuida-

dosamente pelos caminhos do seu jardim, em meio ã mata.

Figura 8. Pedra sobre pedra, ou melhor, entidade sobre mineral.



Imagem capturada por Carina – janeiro de 2023

No texto de Chiesa (2017, p.19) a autora sublinha a ideia que “[...] à procura da vida necessitamos ter respeito pela percepção do ambiente”. Essa passagem me faz lembrar sobre o que Ingold (2015) aprimora acerca da concepção de “coisa” para confeccionar a ideia de mundo que habitamos - para além de um plano fixo e físico - me ajudando a elaborar sobre o meu próprio processo de participação naquele evento, em que “coisas” viviam sobre o efeito de “agência” ou poder da natureza. Para isso, eu precisaria ter sido atenta a outros sinais, como a presença encantada como tecnologia agentiva. É isso que Chiesa (2017) chama de “percepção sagrada”, trazendo a proposta de estarmos atentos às relações que atravessam o mundo que habitamos, concebendo outras formas possíveis de existir, correspondendo a tudo que nos envolve, e na pesquisa de campo isso não seria diferente. Pelo contrário, a mata me fez identificar, explorar e registrar tecnologias encantadas agenciadas pela natureza e submersas por “coisas”.

O que levo comigo e o que fica no espaço: uma lição etnográfica

Foi por acreditar num sistema de correspondências e por não o perceber como sagrado e agentivo, que eu jamais imaginaria o que iria acontecer com minha produção capturada no decorrer do trabalho de campo. Após ter tirado a foto que apresento abaixo, com a Carina, e chegar em frente à Casa Águia, logo depois da minha entrada na clareira, coloquei meu celular para carregar, pois ele estava sem bateria. Terminado o momento esfuziante de apreensão das fotos e coleta da pedra, o aparelho simplesmente não ligava mais. Travou completamente. Nos olhamos, eu e Carina, e identificamos que se tratava de um apagão feito por aquela vibração da clareira. E que, de fato, estava acontecendo uma limpeza no sistema operacional de meu smartphone, local de acervo das imagens e vídeos daquele final de semana.

Naquele momento lembrei que não havia pedido consentimento algum para entrar na mata, mesmo sentindo que estava sendo acompanhada. Entendi, também, que não poderia sair registrando tudo sem o consentimento e o cuidado de entender o ambiente antes. A partir daquele apagão compreendi a existência de um sistema de correspondência a tudo que nos envolve no campo - desde humanos a não humanos – já que não poderia ter acontecido de outra forma, apagando tudo registrado e me fazendo reconfigurar todo sistema operacional de meu telefone. Foi difícil de acreditar, mas perdi todo o meu registro feito naquele final de semana. Após o entendimento do que aconteceu, tive uma lição que levarei comigo: a natureza é agentiva e para apreender informações do trabalho de campo se faz necessário pedir licença para humanos e não humanos.

Figura 9. Após saído da clareira



Imagem capturada por Carina logo após a saída da mata e clareira – janeiro de 2023

Ao final, acabei saindo da casa de Iti e Carina com o celular apagado, junto de um saquinho de pano com minhas duas pedras, um ramallete de pimentas, alecrim e alfavaca, entregue como oferenda pela Carina, em minha saída. A minha volta foi angustiante. Tentei realizar a viagem mais rápido do que a ida, uma vez que a estrada já me era mais aprazível. A ideia era chegar em casa e levar o celular para uma assistência técnica, para verificar se conseguiria recuperar alguma imagem, áudio ou vídeo feito, mas como era domingo estava tudo fechado.

Na manhã seguinte, uma segunda-feira, tirei a pedra do saquinho bem cedinho, uma maior e a outra menor. Logo que retirei as pedras, percebi que o encaixe da pequena era perfeitamente adaptado ao encaixe da grande. Quando olho para a sua forma, vejo o *Macaco yogue*. Ou seja, seu rosto estava lapidado na pedra pequena, igual à pedra-escultura do sítio. Naquele instante, entendi que estava em comunicação direta com aquela entidade da natureza, agora em minha casa, ao lado do meu computador. Então, avisei Carina que estava em “comunicação” e de forma intuitiva tentando restabelecer o ocorrido, através de outros sistemas de regulação e contato intuitivos. Mas nada consegui. As imagens, vídeos e áudios estavam todos perdidos.

Aquela ruptura com o meu material de campo fez eu perceber, que aquela “coisa, tal como diz Ingold (2015), não era só uma pedra, mas o símbolo de controles que eu não conhecia, a tal tecnologia encantada da natureza, que é percebida pelos povos ameríndios, com a qual uma pesquisadora da cidade, que estuda antropologia urbana, jamais imaginava ter contato. Confesso que aquilo me parecia assustador, pois metade de mim estava completamente frustrada por ter feito um esforço sobre-humano para ter viajado naquele final de semana e para não ter meus dados controlados por uma tecnologia digital, operados por um aparelho que tinha o objetivo de me facilitar a apreensão, através dos vídeos, fotos e áudios. Jamais imaginaria o que poderia acontecer por meio de uma tecnologia encantada. Por outro lado, estava exausta e culpada por não ter percebido os códigos daquele ambiente e muito menos os sinais da mata, me tornando impotente diante do sagrado que desconhecia.

Toda essa experiência em campo me trouxe a necessidade de refletir sobre os sistemas que autorregulam pesquisa etnográfica, e que vão além das interlocutoras, cobrindo pedras, árvores, cipós, corujas, pássaros e borboletas. Animais, elementais e humanos.

Figura 10. Eu carregando a entidade sobre mineral.



Imagem capturada por Carina, logo após a saída da mata – janeiro de 2023

Foi nesse espaço que compreendi o que Rival (2005) aponta sobre a manifestação de interações de humanos junto ao meio ambiente natural, me fazendo compreender, com ajuda dos saberes e ensinamentos de coletivos ameríndios, sobre as possibilidades de ligações diretas entre humanos e não-humanos, me fazendo identificar que eu precisava expandir os meus conceitos sobre constituição ética da pesquisa antropológica, fazendo com que eu precisasse estar mais preparada dali para frente para lidar com o sistema integrativo de humanos e não-humanos e todo os seus rituais, necessitando ampliar as licenças sobre o meu estudo. Ou seja, dali em diante eu precisava estar mais preparada para ancorar a observação a partir de entidades familiares, em forma de árvores, por exemplo, entendendo que existe um significado para além do agrupamento de pedras. Precisava, assim, entender que vegetais, minerais e ervas trazem mensagens por meio de lapidações e associações dentro do ambiente.

Saio dessa experiência de campo com um alerta para as antropólogas e antropólogos que desejam trabalhar com etnografias dentro de florestas, matas e lugares concentrados de tecnologias encantadas: considere pedir o consentimento para os não-humanos antes de iniciar qualquer tipo de apreensão em campo. Pedir permissão

para todos os seres da natureza e elementos daquele ecossistema é uma prática que precisa ser colocada em nossas práticas e manuais de pesquisa. Com isso, é possível entender como se chega e onde se chega antes de sair capturando registros, tanto orais como imagéticos, de interlocutores humanos e não-humanos integrados ao ambiente, e que, na prática, se mostraram com forte atuação e agência sobre a experiência em que eu estava inserida.

É importante destacar que esse tipo de “pedido”, “permissão” ou “licença” não estava claro entre minhas práticas éticas de consentimento no decorrer de uma pesquisa antropológica. Aprendi a lidar com consentimentos a partir de humanos, não obtendo instrumento para outras modalidades relacionais, afinal, sou uma antropóloga da cidade e no máximo realizei leituras de colegas que estudam os povos ameríndios. Fortaleço como entendimento científico e também agentivo, circunscrito pela agência da natureza, como prova dessa tecnologia encantada. Através do apagão tecnológico/digital de minha comunicação, pude entender a necessidade de recalculando a rota da observação dos ambientes não-humanos em nossas pesquisas. Porque existe uma tecnologia da natureza capaz de se comunicar sem a necessidade do digital, que atinge com sua força em camadas encantadas.

Em respeito ao movimento advindo dessa minha experiência em campo, trago indicações aos pesquisadores urbanos que estão iniciando pesquisas de campo junto à natureza: sugiro, invariavelmente, que se apresente não só aos humanos, mas ao contexto não-humano do ambiente que está sendo introduzido; (b) crie momentos de adaptação através de conversas informais e sem a necessidade de um registro oficial; (c) contribua com o tempo da acomodação e aproximação genuína, se fazendo conhecer simetricamente e estabelecendo uma abertura às perguntas sobre os seus interesses.

Ao final desse processo, peça permissão e deixe o ambiente te trazer as pistas e os sinais de consentimento. Através dessa comunicação percebida e voluntária no corpo, você se vincular ao ambiente. Após o entendimento de sinal positivo, inicie a apreensão dos dados oficiais por meio de trocas com seus interlocutores humanos e não-humanos que estarão mais próximos e abertos a se expor, a partir desse contato genuíno e “no tempo da natureza”, como diz Carina, e percebendo a arte da agência de elementos de todas as ordens no campo do empírico, como reflete Gell (1998).

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, U.M. 2018 Na fronteira: mobilidades xamânicas entre Brasil e Guiana Francesa. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 24, n. 51, p. 203-227, maio/ago.
- BOURDIEU, P. 2011. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp/Porto Alegre: Zouk.
- BAPTISTA DA SILVA, S. Iconografia e ecologia simbólica: retratando o cosmos guarani. In: PROUS, A; LIMA, T.A. (Orgs.) 2011. *Ceramistas Tupiguarani*. IPHAN.
- CARNEIRO, M. J. Ruralidade: novas identidades em construção. *Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural*. Natal, 1997.
- CHIESA, G. R. 2017. À procura da vida: pensando com Gregory Bateson e Tim Ingold a respeito de uma percepção sagrada do ambiente. *Revista de Antropologia*, v. 60, n. 2. p. 19.
- FAVRET-SAADA, J. 1990. Être Affecté. *Gradhiva. Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie*, v. 8, p. 3-9.
- GELL, A. 1998. *Art and Agency. An Anthropological Theory*. Oxford, Clarendon Press.
- GOLDMAN, M. 2003. Os Tambores dos Mortos e os Tambores dos Vivos. Etnografia, Antropologia e Política em Ilhéus, Bahia. *Revista de Antropologia*, v. 46, n. 2, p. 445-476.
- GOLDMAN, M. 2006. Alteridade e experiência: Antropologia e teoria etnográfica. *Etnográfica*, v. 10, n. 1, p. 159-173, maio 2006.
- INGOLD, T. 2012. "Trazendo as coisas de volta à vida": emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, v. 18, n. 37, p. 25-44, jun 2012.
- LIMA, A. G. M. de. Etnografias Jê e as plantas cultivadas: contribuições para o debate sobre sistemas agrícolas tradicionais. *Revista de @ntropologia da UFSCar*, v. 11, n. 2, p. 293-325, jul./dez. 2019.
- ORTNER, S. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: Grossi M. P.; Eckert C; Fry P. H. (Orgs.). 2006. *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Goiânia: Nova Letra.
- RIVAL, Laura. El crecimiento de las familias y de los árboles: la percepción del bosque de los Huaorani. In: SURRALLÉS, A.; GARCÍA HIERRO, Pedro (Orgs.). 2005. *The Land Within: Indigenous Territory And Perception Of The Environment*. Copenhagen: IWGIA (International Work Group for Indigenous Affairs).
- ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. (Orgs.). 2021. *Tempo e memória ambiental: etnografia da duração das paisagens citadinas [recurso eletrônico]*. Brasília: ABA Publicações.
- SEEGER, A.; DA MATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. 1979. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional, Série Antropo-*

logia n. 32, p. 2-19.

VELHO, G. O desafio da proximidade. In: VELHO, G; KUSHNIR, K. (Orgs.) 2023. *Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

VILLAÇA, A. 2000. O que significa tornar-se outro? Xamanismo e contato interétnico na Amazônia. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. v.15, n.44, p.56-72, out 2000.